

Os Puris do Leste do Brasil¹

Paul Ehrenreich

Tradução: Gean Nunes Damulakis
Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

A outrora poderosa nação dos Puris² está reduzida agora a parques remanescentes. Antes possuidora de completas áreas de floresta virgem ao norte do [rio] Paraíba [do Sul] até a região limítrofe à província de Minas Gerais e até o terço meridional da província do Espírito Santo, a nação estendia suas incursões ao norte até o Rio Doce, em constantes guerras com os Coroados, seus parentes próximos, com seus inimigos hereditários, os Botocudos, e ainda, nas primeiras décadas, com os colonizadores, que, mesmo próximos à costa, entre a foz do Paraíba e do Benevente, não estavam seguros dos seus ataques predatórios. Atualmente, totalmente domesticada, pode ser encontrada em apenas poucos pontos dessa ampla região. Segundo minhas investigações, os Puris se encontram ainda hoje no alto Manhuaçu e nos seus afluentes meridionais, especialmente próximo ao Quartel do Príncipe no limite entre Minas Gerais e Espírito Santo, em Santa Lúcia, próximo de Carangola, em Cachoeirinha, perto de Alegre, em Minas, próximo de Joanésia³, às margens do Rio Doce entre Santa Maria de Belém e Cuieté.

O Relatório do Governo de 1880 lista também um aldeamento São Paulo de Muriaé, no qual devem estar assentados 122 indivíduos⁴. O aldeamento Afonsinho, na parte meridional da província do Espírito Santo, no alto rio do Castelo, está desfeito agora, depois que a maior parte de seus habitantes se estabeleceu no alto Munhuaçu. Não é conhecido precisamente o número total de todos esses índios, agora completamente ocupados com agricultura. Entretanto, não deve de maneira alguma perfazer mais de algumas centenas e está em constante declínio, ao menos no que se refere a indivíduos de raça pura.

Etnologicamente, os Puris não devem ser separados dos assim chamados Coroados⁵, dos quais, da mesma forma, ainda remanescentes se mantêm em alguns afluentes do Paraíba e do Manhuaçu. Em favor disso, fala não apenas a antiga tradição, segundo a qual ambos os grupos compunham antes um único povo, mas também sua total convergência em língua, costumes e aparência física.

As descrições que possuímos de tempos mais remotos através de Eschwege, Freireiss, Príncipe de Wied, Martius, Aug. St. Hilaire⁶ e mais recentemente através de Tschudi e Burmeister se encaixam

1. Título original: Die Puris Ostbrasiens. *Verhandlungen der Berliner Gesellschaft für Anthropologie, Ethnologie und Urgeschichte*. Verlag von A. Asher & Co.: Berlin, 1886. Versão original disponível na Biblioteca Curt Nimuendajú (<http://www.etnolinguistica.org/>). Acesso em 18 dez. 12 de 2020.

2. Traduzimos no plural por fidelidade ao original (N. do T.).

3. "Joannes", no original. (N. do T.)

4. No original "122 cabeças": "122 Köpfe" (N. do T.).

5. Não confundir com os Coroados das províncias do Sul do Brasil.

6. Auguste de Saint-Hilaire (N. do T.).

igualmente para ambas as tribos, se considerarmos, de fato, a acertada observação de Martius⁷ de “que cada viajante estava restrito, em suas observações, a algumas localidades, cujos moradores, devido a constante miscigenação nos graus próximos de parentesco, podem expressar uma acentuada semelhança de traços faciais, a qual mais corresponde ao tipo de uma família que à de uma tribo”. Dessa forma, se explicam bem as indicações muitas vezes completamente contraditórias entre si de diferentes observadores. Enquanto, por exemplo, Martius coloca os Puris, em contraposição aos Coroados, como “mais bonitos e maiores”, Burmeister diz: “em linhas gerais, eles são semelhantes aos Coroados, mas um pouco menores”; por sua vez, o Príncipe de Wied os descreve francamente como a menor tribo da costa leste. Para Burmeister, os Coroados devem se diferenciar dos Puris pelos narizes mais fortemente proeminentes com costas levemente arcadas, ao passo que Martius descreve o nariz deles como curto e achatado.

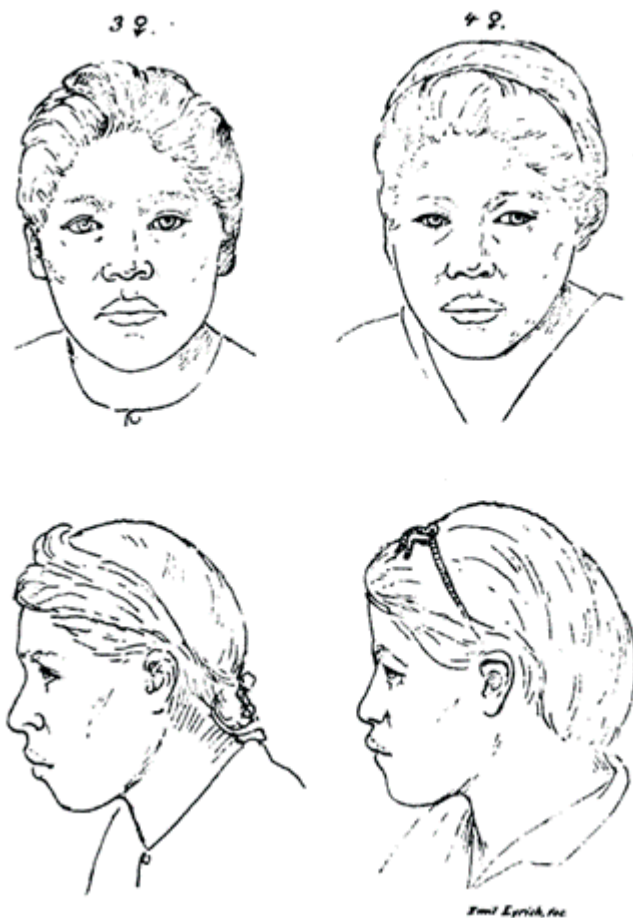


Temos, portanto, razão suficiente de nos referir a ambas as tribos, apesar de sua amarga inimizade entre si, tanto etnológica quanto antropologicamente como um único e o mesmo povo.

Martius vê também os Puris como aparentados com os Botocudos e os agrupa, juntamente com esses, na grande família (de povos) dos Crens, sem, no entanto, conseguir fundamentar isso suficientemente. Embora os primeiros estivessem originalmente no mesmo nível cultural baixo, mostrassem algo em comum com os Aymorés também em armas, utensílios e adornos, são, todavia, essencialmente diferentes desses últimos em sua língua e aparência externa. Em particular eles são os únicos

7. Martius, *Ethnogr. Brasiliens*, 1867, p. 333.

indígenas da costa leste, não pertencentes ao grupo Tupi-Guarani, que usam rede, o que certamente deixa disponível a possibilidade de que eles tenham tomado emprestado esse artefato de tribos Tupi vizinhas.



As 8 ou 10 famílias de Puris que eu visitei em fevereiro de 1885 no rio S. Manoel, um tributário do rio Manhuaçu, cerca de 20° 10' de latitude sul e cerca de 41°30' de longitude oeste, perto da Fazenda Leite, eram totalmente sedentárias e viviam em cabanas de troncos (compridos) de madeira, no meio da plantação. Estavam equipados de roupas, utensílios domésticos e agrários, mas se serviam ainda, por falta de munição para suas espingardas, de arcos e flechas. Essas armas, semelhantes às dos Botocudos, mas delicadamente trabalhadas, formavam, junto com as redes de palha de embira, artisticamente trançadas, as quais se assemelham de todo àquelas desenhadas pelo Príncipe de Wied em seu atlas, os únicos objetos etnológicos ainda disponíveis aqui.

A aparência dessas pessoas correspondia no geral à descrição do Príncipe [de Wied]. Elas eram de estatura forte e atarracada e de pele marrom amarelada escura. No que tange à forma do crânio, elas mostravam-se como cabeças medianas prognatas com cabelo preto, denso e grosseiro, arco zigomático protuberante, olhos pequenos e castanho-escuros com fenda palpebral mongólica obliquamente entalhada, com nariz fortemente saliente, pressionado na raiz, levemente encurvado na ponta e com narinas largas. A boca para a maioria era notavelmente grande, com lábios espessos e grossos. Em resumo, no que se refere à forma do crânio, cor da pele e formato do rosto, eles eram completamente

diferentes dos Botocudos. As fêmeas, de cor consistentemente mais clara, tinham pequenos círculos ou cruzeiros azuis tatuados nas bochechas (cf. Martius, *Ethn.*, p. 333). Alguns homens não mostravam insignificante crescimento de barba, já que o depilar se torna cada vez mais fora de uso.

Devido à grande desconfiança das pessoas frente a um forasteiro, foi muito difícil receber informações vindas delas. Também se recusaram por um tempo a me deixar comprar algo de suas coisas, e isso, como fiquei sabendo depois, por medo de que eu quisesse mostrar suas armas a seus inimigos, os Botocudos! Portanto, manteve-se aqui ainda, em uma sociedade já há uma geração parcialmente civilizada, uma lembrança de suas antigas lutas com seus belicosos vizinhos, os quais talvez nenhum deles tenha visto. Víveres e pólvora, que eu distribuí entre eles, forneceram-me ainda alguns objetos etnológicos, que já se encontram em poder do *Kgl. Museum*⁸. Ao cacique e a um homem que nos serviu de guia para os dias seguintes – as únicas pessoas da tribo que falavam suficientemente português –, agradeço ainda uma pequena coleção de palavras que eu deixo a seguir no intuito de completar o Vocabulário reunido por Martius em seu Glossário. Este último parece, aliás, estar totalmente correto, já que algumas palavras escolhidas de forma arbitrária me foram ditas como totalmente coincidentes pelos Puris⁹. Uma olhada no seguinte vocabulário Coroadado em Martius mostra o estreito parentesco dessa língua com a dos Puris.

A língua possui diversos sons peculiares:

θ = <th> do inglês.

` forte aspiração gutural.

å = āō abafado (å sueco).

ɾ = som líquido, situado entre r e l.

ng som nasal.

y vogal indeterminada e abafada.

h deve ser falada, também no final, sempre fortemente aspirada.

poθèh θandú	acender fogo	nymlíh	veado
ariníng	flecha	tapír	boi
atipó kākúm	exprime a multidão	dokjä	macaco bugio
paũân	onça	prõn	borboleta
penâng	anta	botokjä	capivara (<i>Hydrochoerus capivara</i>)
tanguã	macaco	attèh	pai
attâra	arara/papagaio	aiän	mãe (mas também é comum a [palavra] citada por Martius)
ndäde	beija-flor		
miamä-kjä	peixe		
shinâli	morcego		

8. *Königliches Museum* (Museu Real), hoje "*Altes Museum*" (Museu Antigo) (N. do T.).

9. No original: "*von meinen Puris*" ("pelos meus Puris").

10. Da mesma forma a palavra Tupi-Guarani *tapiri*, da qual o *Tapirus americanus* traz seu nome, usado pelos Tupis para o boi, até então desconhecido por eles.

O sobrinho chama seu tio de *ináh*; o tio chama seu sobrinho com a palavra portuguesa *sobrinho*. Isso indica um método de denominação de parentesco diferente do nosso, sobre o qual eu, todavia, não pude averiguar nada mais a fundo.

Espingarda = pûh ou mbauá, uma imitação do estrondo. Essa palavra foi especificamente inventada quando eles tomaram conhecimento de armas de fogo.

Cores.

taorekã	verde	pek'ulŭt	vermelho
tānghuanã	preto	kot'au	amarelo
pessarekã	azul		

A expressão *coeruleus beoró* em Martius significa "cobra".

Como eles se autodenominam não foi possível descobrir com certeza. O cacique me proferiu a palavra *Telikóng*, o que, segundo meu guia, deve significar algo como "arco"; talvez = homens capazes de fazer armas.